

## CAPÍTULO 1

O próprio Mr. Brooks contra si mesmo admitia, perante Kclver o mordomo, que criados americanos não eram coisa natural.

Era um homem sólido, apertado na libre, de óculos; cabelo ralo e grisalho, e voz inclinada para o agudo. Do bolso do seu colete de listras encarnadas, que fazia parte do uniforme, ressaltava visivelmente uma barra de goma de mascar já começada. Mascava a maior parte do tempo, movimentando a mandíbula com regularidade quase pendular. Gilder, que tinha grande amor pela exatidão matemática, chegara a cronometrar tais movimentos, concluindo que apenas variavam entre 51 e 56 por minuto. No recôndito de seu quarto porém, Mr. Brooks costumava saborear um grande cachimbo carregado com uma mistura adocicada, muito peculiar, que importava dispendiosamente da Califórnia.

Nem a figura de Mr. Brooks, laçai, nem a de Mr. Gilder, laçai também, assentava com Marks Priory ou com o povoado de Marks Thornton.

Eram pobres criados que nunca pareciam aprimorar-se com a prática nem beneficiar-se da experiência.

Entretanto eram homens muito requintados, se o leitor for capaz de imaginar tamanha anomalia como a de existirem dois laçaios americanos requintados. Jamais se intrometiam na vida alheia, mostravam-se quase extravagantemente polidos com seus conservos e nem uma vez sequer (figurava isto como um crédito monumental a seu favor) tinham jamais denunciado outros servidores por qualquer negligência no serviço, ainda quando tal negligência interferisse adversamente com seu próprio conforto pessoal.

Ambos eram muito estimados, e Gilder um tanto temido também. Sombrio, de faces rugosas e encovadas, tinha a voz ainda por cima lúgubre e cavernosa; o cabelo era preto e escasso, porém longo, e trazia na cabeça grandes áreas inteiramente calvas, sendo ademais imensamente forte.

Este último pormenor descobriu-o o couteiro do lugar, chamado John Tilling; ruivo, grandalhão, de faces coradas e obsecado por suspeitas.

É bem verdade que sua esposa era bonita e, à guisa de consolo, muito dada a

sonhar, pela maior parte dos dias, com coisas que nunca chegava a realizar de todo. Por exemplo, não descobrira nenhum Romeu de pele azeitonada na pessoa de certo palafreireiro que conquistara no povoado. Ele era antes rosado, um tanto grosseiro demais, cheirava a um misto de estábulo e cerveja e costumava envergar uma mesma camisa sete dias a fio. Este homem lhe oferecera a mecânica do amor, e a imaginação dela encarregara-se de suprir o *glamour* faltante. Esse, porém, era um escândalo antigo. Tivesse chegado ao conhecimento de Lady Lebanon, e o chalé de Box Hedge depressa teria tido novos inquilinos.

Passado algum tempo, Mrs. Tilling deu mostras de já estar interessada em algo melhor que palafreiros; o marido, entretanto, não o soube por algum tempo. E aconteceu que, certa tarde, o couteiro interceptou Gilder quando este cruzava Priory Field.

—Com licença.

Sua polidez era ameaçadora.

—Esteve em meu chalé uma ou duas vezes ultimamente. . . enquanto eu estava em Horsham?

Era asserção mais que pergunta.

— Ora, sim — respondeu o americano à sua maneira lenta.

— Sua senhoria pediu-me que fosse lá buscar uma ninhada de ovos. Como o senhor estava ausente, deixei para ir no dia seguinte.

— Quando eu também não estava — disse Tilling, com um sorriso escarninho e o rosto ainda mais rubro.

Gilder fitava-o divertido. Não era dado a bisbilhotices e, assim sendo, nada sabia dos infortúnios domésticos de seu interlocutor.

—É verdade. O senhor estava em alguma parte do bosque.

— Mas minha mulher bem que estava em casa. . . E foi

daí que o senhor se deteve para tomar uma xícara de chá, não é assim?

Gilder sentiu-se ultrajado. Seus olhos cinzentos deixaram de sorrir e se tornaram duros.

— Aonde está querendo chegar? — perguntou.

Num gesto brusco, o outro o agarrou pelo paletó.

—Tire a mão daí! . . .

Tilling não se continha; então o criado americano empolgou-lhe o pulso com

delicadeza e, torcendo-o vagarosamente, fê-lo largar-lhe a roupa.

Se Tilling fosse uma criança não teria oferecido resistência mais efetiva.

—Veja lá; não faça isso. . . É verdade! Vi sua mulher e tomamos chá. Ela pode ser um pitéu pra você, mas pra mim não passa de dois olhos e um nariz. Ponha isto na cabeça.

Dizendo isto sacudiu-lhe o braço ligeiramente, mas com muita violência. Era um truque que aperfeiçoara com a prática. O outro oscilou para trás e só com dificuldade recuperou o equilíbrio.

Tilling era excessivamente bronco e incapaz de entreter duas emoções ao mesmo tempo. E na ocasião estava pasmado demais para sentir qualquer outra coisa que não fosse puro pasmo.

— Você conhece sua mulher melhor do que eu — prosseguiu Gilder, curvando-se, — e provavelmente está certo a respeito dela. Mas está completamente enganado quanto a mim!

Ao voltar do povoado (fora à farmácia), deu com Tilling à sua espera, quase no mesmo lugar em que o deixara.

Mas desta vez não houve o menor sinal de truculência; o outro de certo modo chegou até a mostrar-se escusatório.

Gilder, ao que diziam, caíra na graça de sua senhoria Lady Lebanon, sobre quem, de resto, exercia grande influência; coisa francamente fantástica para uns e obviamente torpe para outros.

— Gostaria que esquecesse o que lhe disse há pouco, Mr. Gilder. Anna e eu temos nossos pequenos desentendimentos, e eu sou um pouco precipitado. Mas é que tem havido muitas visitas a Box Hedge ultimamente. . . Entretanto, sendo o senhor um homem de família. . .

— Não sou casado, mas tenho índole doméstica — atalhou-o Gilder. — Não falemos mais nisso.

Depois contou o caso a Brooks, que o ouviu fleumaticamente, com a mandíbula em ação. Enquanto conversavam apresentou um paralelo histórico.

—Já ouviu falar de Messalina? Era uma italiana, mulher de Júlio César ou coisa que o valha.

Brooks lia muito, de modo que a memória às vezes o traía.

Ainda assim, para um criado que ademais era cidadão americano, o simples saber da existência de Messalina e o ser capaz de apresentá-la em alguma

forma reconhecível para ilustrar uma situação, já era algo fenomenal.

Agora, coloque o leitor um tal homem e seu companheiro contra o fundo de Marks Priory, e eles se tornarão absurdos.

Os alicerces de Marks Priory foram assentados por pedreiros saxônios, e a Fortaleza Ocidental fora destruída quando Willliám Rufus caçava na Nova Floresta. Henry Tudor achou-a em ruínas e a restaurou para seu protegido John, o Barão Lebanon. Resistira a um assédio dos soldados de Warwick.

Seu estilo era Plantageneta, Tudor e Moderno. Nenhum construtor do século XVIII lhe profanara a forma; sobreviveu, pois, à ascensão e à queda da renascença vitoriana, que produziu tantos anjos e querubins estrambóticos.

Havia ali certa madureza e vetustez que só o tempo e o clima da Inglaterra teriam possibilitado.

Entretanto, Willie Lebanon achava-o irritante e anódino; para o Dr. Amersham era uma prisão e um desagradável encargo, enquanto que na opinião de Lady Lebanon, apenas, representava a Realidade.

## **Capítulo 2**

Lady Lebanon era esguia, miúda segundo padrões estritos, embora jamais desse a impressão de pequenez. Entretanto, pessoas houve que, tendo-lhe falado por primeiro, acharam-na majestosa. Era firme, fria e decidida. Seus cabelos negros eram repartidos ao meio e penteados sobre as orelhas. Tinha feições pequenas e delicadas, e o talhe de seu rosto chegava a ser estético. Em seus olhos escuros ardia o fogo inextinguível do verdadeiro fanático. Sempre parecia consciente de algum dever para com a aristocracia. O mundo moderno mal a tocara; sua fala era precisa, isenta de extravagâncias, quase se podendo ver as vírgulas e os pontos com que espacejava as sentenças. Odiava a gíria, o fumo entre as mulheres e a vulgaridade da ostentação.

Jamais se esquecia de que provinha de um quarto barão (casara-se com um primo), nem tampouco da tremenda importância que se devia à família.

Willie Lebanon confessava-se aborrecido da vida que levava. Embora pequeno de estatura, passara em Sandhurst com distinção, e se seu serviço de dois anos no 30.º Hussardo não chegara a consagrá-lo como soldado, a experiência lhe fizera bem ao físico. O grave ataque de febre que o trouxera para casa (explicava Lady Lebanon, quando condescendia em explicar o que quer que fosse) era em grande parte responsável por sua inquietude. Um observador imparcial talvez encontrasse razões melhores para a exasperação do moço.

Ele desceu morosamente a escada em caracol da torre de Marks Priory e entrou no grande *hall*, determinado a "entender--se de vez" com a mãe. Já tivera o mesmo propósito antes, e, no meio do argumento que então usava, decidira abandonar o assunto, de puro enfado.

Ela estava sentada à escrivaninha, lendo cartas. Ergueu os olhos quando ele penetrou em seu campo de visão e fixou-o com aquele olhar comprido e inquisitivo que sempre o embaraçava.

—Bom dia, Willie.

A voz era suave e rica, mas tinha certa dureza que o fez recolher-se em si. Era como irromper na presença do oficial comandante quando este se achasse em seu pior estado de humor. .

—Humm, posso falar com a senhora? — começou a custo.

Tentava lembrar-se da fórmula que escolhera para dar início ao assunto. Era o chefe da casa, Senhor de Marks Priory no Condado de Sussex e de Temple Abbey no Condado de Yorkshire!. . . Teve apenas uma vaga satisfação ao lembrar-se disso, e certamente não estava nem um pouco mais próximo do ar dominador que diligentemente procurara assumir. . — Sim, Willie?

Ela depôs a pena sobre a mesa, recostou-se no espaldar e esperou.

—Despedi Gilder — informou ele num repelão. — Ele é um perfeito camponês. Muito impertinente. . . Acho ridículo a gente empregar criados

americanos que não conheçam o trabalho, a senhora não? Deve haver centenas de criados por aí, "que a senhora poderia empregar. E Brooks é tão mau quanto...

Nesse ponto fez uma pausa, esbaforido; mas ela esperou. Se ao menos dissesse alguma coisa, ou se zangasse! Afinal, ele era o chefe da casa. Era absurdo que não pudesse despedir qualquer criado que quisesse. Já comandara um esquadrão! (É bem . verdade que o fizera na ausência de oficiais superiores, mas o comandante elogiara o modo como se desincumbira.) Clareou a garganta e prosseguiu.

—Isto me faz um tanto ridículo, não acha? Quero dizer, a posição em que eu fico. As pessoas falam de mim. Até esses caipiras que freqüentam o "White Hart". Disseram-me que o pessoal anda comentando no povoado.

—Que lhe disse?

Willie, que detestava aquele timbre metálico na voz da mãe, estremeceu. ,

—Bom, quero dizer, o pessoal anda falando que a senhora me controla, sabe como é.

— Quem lhe disse? — tornou ela a perguntar.— Studd?

Ele ficou rubro. Era diabólico da parte dela adivinhar logo da primeira vez; mas tinha um dever de lealdade para com o chofer, por isso mentiu.

— Studd? Ora essa, não! Isto é, eu não iria discutir uma coisa dessas com um criado. Tomei conhecimento do boato, apenas. E seja como for, já despedi Gilder. .

— Receio que eu não possa dispensar Gilder. Foi uma grande falta de consideração sua despedir um criado sem me consultar..

— Mas estou consultando agora.

.Ele arrastou uma cadeira para a escrivaninha e sentou-se; fez um esforço heróico para defrontar os olhos da mãe, mas não conseguiu desfitar o castiçal de prata que pendia dum gabinete atrás dela.

— Todo mundo já notou como esses dois se comportam — prosseguiu ele com obstinação. — Só raríssimas vezes me chamam de "Senhor". Não que isso me importe. Acho que esse tratamento é estúpido e antidemocrático. Mas eles não fazem nada a não ser vadiar pela casa!

Ela se inclinou por sobre a mesa, com as mãos finas cruzadas sobre uma folha de mata-borrão.

— Está completamente enganado, Willie. Preciso desses homens aqui. É absurda a sua prevenção contra criados americanos.

— Mas eu não estou. . . — recomeçou ele.

— Por favor, não me interrompa quando estou falando, Willie querido. Não deve dar ouvidos a Studd. Ele é uma excelente pessoa, mas não estou bem certa de que seja a espécie de criado de que precisemos em Marks Priory.

—A senhora não está pensando em despedi-lo, está? — protestou o rapaz.

— Tenha a santa paciência! Tive três bons criados de quarto, e cada um deles, na sua opinião, não era bom, apesar de me servirem muito bem. — Nesse ponto encheu-se de coragem: — Suponho que a verdade é que eles não sirvam para Amersham, não é?

Ela se entesou um pouco.

—Eu nunca levo em conta as opiniões do Dr. Amersham. Jamais lhe peço conselhos nem me deixo guiar por ele — replicou ela com voz mais aguda. Com esforço ele a encarou nos olhos.

—Que faz ele aqui, então? — perguntou. — Esse fulano praticamente mora em Marks Priory. É um sujeito tremendamente asqueroso. Se eu lhe contasse tudo o que já ouvi sobre ele...

Deteve-se de súbito. O rubor que subiu ao rosto de sua mãe era indício a não ser ignorado.

Foi então que para seu alívio, Isla Cratie irrompeu no *hall* trazendo algumas cartas. Ao vê-los hesitou e teria empreendido uma rápida retirada se Lady Lebanon não a chamasse. Isla tinha vinte e quatro anos, era morena, delgada e comedidamente bela. Há duas variedades de beleza: a que demanda descoberta instantânea e a que só vem com a familiaridade, e isto para surpresa do descobridor. Islã não se fazia notar à primeira vista. À terceira, porém, monopolizava a atenção. Tinha belos olhos,- muito graves e um tanto tristonhos.

Willie Lebanon saudou-a com um sorriso. Gostava de Isla; ousara mesmo dizer isso à mãe, a qual, para surpresa sua, não o reprovou por isso. Era uma

espécie de prima, e secretária decididamente particular de Lady Lebanon. Willie ainda não lhe notara a beleza; por outro lado, pode-se dizer que o Dr. Amersham ainda não a deixara de notar; mas Lady Lebanon ignorava isso.

A moça depôs as cartas na mesa e sentiu-se aliviada ao ver que sua senhoria não fez o menor esforço por detê-la. Quando acabou de sair:

— Não acha que Isla está ficando bonita? — perguntou Lady Lebanon.

Que pergunta mais esquisita! Elogios por parte de sua mãe eram coisa muito rara. Willie pensou que ela só estivesse querendo desviar o rumo da conversa, e acolheu com prazer a digressão, pois já atingira os limites de suas reservas de determinação por aquele dia.

— Sim, atordoante! — respondeu, sem nenhum entusiasmo especial, a perguntar-se o que viria a seguir.

— Quero que se case com ela — tornou a outra calmamente.

O rapaz esbugalhou os olhos, atônito.

— Casar?! Santo Deus, nunca pensei em me casar! Detesto essa idéia! Ora essa! Ela é terrivelmente bonitinha, mas. . .

— Nada de "mas", Willie. Quero que você tenha o seu próprio lar. Ele poderia ter replicado, e esse pensamento de fato lhe ocorreu, que já tinha um lar próprio, o qual seria todo seu se tão-somente lhe permitissem governá-lo.

— Se andam falando por aí que você está sendo controlado, devia acolher bem essa idéia. Não tenho o menor desejo de permanecer em Marks Priory e dedicar a você o resto de minha vida.

Aquela já era uma perspectiva mais atraente. Willie Lebanon deu um longo suspiro, descruzou as pernas e ergueu-se.

— Suponho que terei de me casar, cedo ou tarde — disse. — Mas olhe que é muito difícil lidar com ela.

Hesitou um instante, não sabendo como sua confissão seria recebida.

— Para ser franco, já tentei iniciar alguma intimidade com ela. Na verdade, tentei beijá-la faz quase um mês, mas ela me pareceu um tanto fria demais.



— É natural! Ora, isso foi muito vulgar da sua parte! Gilder apareceu por ali nesse instante, com o que as explicações do indignado jovem foram sustadas.

O uniforme de Gilder lhe fora cuidadosamente ajustado ao corpo por um bom alfaiate de Londres. Entretanto, ele era do tipo em quem toda roupa resultava em puro desperdício. Aquele seu uniforme poderia ter sido adquirido em qualquer lojinha ordinária. O casaco como que pendia dele, as calças amorfas formavam barrigas nos joelhos. Ele era alto, cadavérico, de feições duras; e sua expressão normal, de veemente desaprovação a tudo.

Lorde Lebanon esperou para presenciar a repreensão; no seu entender, inevitável. Mas sua mãe não fez a menor tentativa de admoestar o criado nem lhe pediu explicações das impertinências contra ele alegadas.

— Precisa de mim, *m'lady*? — Era uma pergunta maquinal.

Quando ela negou com um movimento de cabeça, ele se retirou sem pressa.

— Queria que a senhora lhe perguntasse que diabo ele está pretendendo com... — começou o rapaz.

— Lembre-se do que eu lhe disse sobre Isla — tornou ela, não fazendo caso de seu protesto inacabado. — É encantadora. . . e do mesmo sangue. Hei de falar-lhe a respeito.

— Ela ainda não sabe? — perguntou o rapaz, cheio de surpresa.

. . . Agora, quanto a Studd... — recomeçou ela, juntando as sobrancelhas numa carranca.

— Não está pensando em mandá-lo embora, está? Ele é um camarada danado de bom, e, seja como for, não me contou nada...!

Encontrou-se com Studd depois; estava trabalhando na garagem.

— Acho que enfiei os pés pelas mãos, Studd; e desconfio que você saiu prejudicado — explicou com pesar. — Conte a sua senhoria que o pessoal andava falando, sabe como é...

Studd ergueu os olhos, endireitou as costas com uma careta e sorriu.

— Não faz mal, *m'lord*.

Era um homem de trinta e cinco anos, fora soldado e servira na Índia.

— Não me agradaria deixar esse emprego, mas acho que os meus dias aqui estão contados. Não guardo mágoa de sua senhoria; sua mãe sempre foi muito gentil e bondosa para mim, apesar de tratá-lo como a um escravo. . . Mas

aquele cara eu não agüento. — E sacudiu a cabeça.

Lorde Lebanon suspirou. Não havia necessidade de perguntar quem era o tal "cara".

— Se sua senhoria soubesse a respeito dele tanto quanto eu — disse Studd misteriosamente, — não o deixaria entrar nesta casa.

—O que é que você sabe? — perguntou Lebanon.

Já fizera aquela pergunta antes, e recebera quase a mesma satisfação que agora.

—Na ocasião oportuna, terei algumas palavrinhas a dizer — respondeu Studd.

— Ele não esteve na índia?

— Claro que sim. Só voltou de lá para me trazer pra casa. Esteve no Serviço Médico Indiano durante anos, creio eu. Sabe de alguma coisa sobre ele... quero dizer, sobre o que ele fez na índia?

—Na ocasião oportuna — insistiu Studd, grave — subirei e darei a minha opinião.

Apontou para um recesso na garagem. Willie Lebanon viu um carro luzidio que nunca vira antes.

—É dele. De onde ele tira o dinheiro? Se pagou alguma coisa por isto, deve ter sido umas duas mil libras. E quando eu o conheci ele estava completamente quebrado. De onde vem esse dinheiro todo?

Willie Lebanon nada disse. Fizera a mesma pergunta à mãe e não obtivera resposta satisfatória.

Detestava o Dr. Amersham; todos o detestavam, exceto os dois criados de Lady Lebanon. Um homenzinho janota, enfeitado demais e perfumado em excesso; tirânico e com o seu tanto de libertino, a julgar pelos boatos que sobre ele corriam o povoado. Enriquecera da noite para o dia e não se sabia a origem de sua fortuna; tinha um belo apartamento em Devonshire Street, dois ou três cavalos de corrida em treinamento, e era considerado bom sujeito por certas pessoas com idéias muito peculiares acerca do que seriam os bons sujeitos.

O fato de ele se encontrar em Marks Priory não surpreendeu Willie. Sempre estava lá. Vinha à tarde e pela manhã, de Londres, e passava ali uma ou duas horas; e quando chegava parecia o senhor de Marks Priory.

Desceu as escadas, onde estivera parado — e, se a verdade deve ser dita, a ouvir —, um instante depois de Willie ter-se retirado; arrastou uma cadeira para perto da escrivaninha onde estava Lady Lebanon e, colhendo um cigarro de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

